



Diálogos (inter)culturais na representação terminológica do domínio da indumentária: entrelaços entre Natalia Duque-Cardona e Marcel Diki-Kidiri

Ana Isabel Ferreira Wanderley

Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB), Brasil

anaisabelfw@gmail.com

Gracy Kelli Martins

Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB), Brasil

gracy.martins@ufca.edu.br

Resumo: O presente artigo aborda os fundamentos epistêmicos e teóricos alternativos que favoreçam o reconhecimento e inclusão das diversas narrativas que permeiam a concepção, o uso e a apropriação dos constructos informacionais e culturais que envolvem o domínio da indumentária, notadamente a constituição de terminologias relativas a este domínio. Problematisa-se que abordagens excessivamente padronizadas para a construção de vocabulários podem suprimir ou privilegiar pontos de vista particulares em detrimento de outros. Assim sendo, discutem-se as conexões entre a proposta de Natalia Duque Cardona (2020), sobre interculturalidade, na Ciência da Informação, e o enfoque da Terminologia Cultural, de Marcel Diki-Kidiri (2009). Ademais, pontua-se a abordagem terminológica para Análise de Domínio, conforme Hjørland 2002), enquanto possibilidades para embasar as representações terminológicas que caracterizam o domínio da indumentária. Metodologicamente, o estudo adota uma abordagem exploratória e bibliográfica, respaldada pela abordagem qualitativa, para refletir sobre as relações e a interconexão entre a Interculturalidade e a Terminologia Cultural. Defende-se que uma visão crítica (inter)cultural favorece o aprofundamento das discussões teóricas e epistêmicas que incidam em uma empiria que assegure a expressividade, a dinâmica e a inclusão das narrativas que tecem a terminologia do domínio da indumentária.

Palavras-chave: Organização e representação do conhecimento, Paradigma intercultural, Terminologia Cultural, indumentária.

Resumen: El presente artículo aborda los fundamentos epistémicos y teóricos alternativos que favorecen el reconocimiento e inclusión de las diversas narrativas que impregnan la concepción, el uso y la apropiación de los constructos informativos y culturales que involucran el dominio de la indumentaria, especialmente en lo que respecta a la constitución de terminologías



relacionadas con este ámbito. Se problematiza que los enfoques excesivamente estandarizados para la construcción de vocabularios pueden suprimir o privilegiar puntos de vista particulares en detrimento de otros. En este sentido, se discuten las conexiones entre la propuesta de Natalia Duque Cardona (2020) sobre interculturalidad en la Ciencia de la Información y el enfoque de la Terminología Cultural de Marcel Diki-Kidiri (2009). Además, se señala el enfoque terminológico para el Análisis de Dominio, según Hjørland (2002), como posibilidades para fundamentar las representaciones terminológicas que caracterizan el dominio de la indumentaria. Metodológicamente, el estudio adopta un enfoque exploratorio y bibliográfico respaldado por un enfoque cualitativo para reflexionar sobre las relaciones y la interconexión entre la interculturalidad y la Terminología Cultural. Se argumenta que una visión crítica (inter)cultural favorece la profundización de las discusiones teóricas y epistémicas que inciden en una empiria que asegure la expresividad, la dinámica y la inclusión de las narrativas que tejen la terminología del dominio de la indumentaria.

Palabras clave: Organización y representación del conocimiento; Paradigma intercultural; Terminología Cultural; indumentaria.



Introdução

O presente estudo aborda os fundamentos epistêmicos e teóricos alternativos que favoreçam o reconhecimento e inclusão das diversas narrativas que permeiam a concepção, o uso e a apropriação dos constructos informacionais e culturais que envolvem o domínio da indumentária, notadamente a representação terminológica dos objetos que conformam este domínio. Partimos do pressuposto de que as pesquisas atuais sobre a organização e representação do conhecimento (ORC) sugerem a problematização de perspectivas hegemônicas e colonialistas, que tendem a invisibilizar narrativas de grupos historicamente e socialmente marginalizados, como aponta a publicação da ISKO-Brasil, “Organização do Conhecimento Responsável: promovendo sociedades democráticas e inclusivas” (2019). Na mencionada obra, ressaltamos a pesquisa de Lima e Almeida (2019, p. 526), que alude à constituição de sistemas multiculturais de organização do conhecimento os quais podem propiciar o reconhecimento das “identidades e culturas socialmente marginalizadas no campo do conhecimento e [...] aplica metodologias de construção e inclusão desses conhecimentos nos sistemas de representação nas mais diversas unidades de informação”.

As premissas subjacentes aos estudos sobre organização e representação do conhecimento se revestem de intencionalidades que podem resultar em silenciamentos, distanciamentos e invisibilidade de determinadas camadas de significações que englobam a compreensão do artefato informacional. A constituição de instrumentos representacionais que congreguem culturas e saberes outros, especialmente saberes locais e marginalizados, impele-nos, portanto, a “reconstituir a noção de paradigma e ciência” (Lima & Almeida, 2019, p. 524).

Diante desse panorama, percebemos a necessidade de abranger as diversas formas de expressão da linguagem, tanto na sua produção como na representação, sob um olhar intercultural. O exame da Ciência da Informação (CI) bem como de seu fenômeno de estudo, sob a perspectiva da interculturalidade, implica a (re)leitura de seus fundamentos de modo devidamente contextualizado, em consonância com os conhecimentos locais, a história e a memória latino-americanas, valorizando as significações das múltiplas comunidades discursivas em seus próprios termos, e não somente pelas lentes de uma lógica hegemônica eurocêntrica e/ou anglo-saxã. Sob o prisma da interculturalidade, a CI se expressa por meio da possibilidade de transformação coletiva dos modos de produzir, organizar e representar o conhecimento (Duque-Cardona, 2020).

Com o fito, portanto, de nos dirigir por caminhos outros, que contemplem a diversidade de significações, para investigar o domínio da indumentária, refletimos sobre a constituição da terminologia que envolve esse campo específico, uma vez que abordagens excessivamente padronizadas para a construção de vocabulários podem suprimir ou privilegiar pontos de vista particulares em detrimento de outros. Problematizamos, pois, a relação entre a inclusão das significações que não só envolvem o(s) termo(s) e suas relações, mas também possibilitam certa sistematização e estruturação que favoreça a recuperação informacional.



Desta feita, o estudo explora as conexões entre a proposta de Natalia Duque Cardona (2020), sobre a Interculturalidade na CI, e o enfoque da Terminologia Cultural de Marcel Diki-Kidiri (2009), perpassando a abordagem terminológica para a Análise de Domínio conforme Hjørland (2002), mirando repensar as bases que sustentam as representações terminológicas que caracterizam o domínio da indumentária. Particularizamos a perspectiva analítica de Diki-Kidiri (2009), na qual a cultura se configura como o ponto fulcral na observação dos aspectos terminológicos. É por meio da visão de mundo de uma comunidade particular que ocorre a classificação, ordenação, nomenclatura e categorização de tudo o que é percebido no mundo. Metodologicamente, adotamos a abordagem exploratória e bibliográfica, respaldada pela abordagem qualitativa, para refletir sobre as relações entre a Interculturalidade na CI e a Terminologia Cultural.

As tramas representacionais da indumentária

Sob o ponto de vista de Ribeiro (2002), a moda se manifesta como um conjunto de significados dentro das aspirações dos indivíduos pertencentes aos seus grupos sociais, criando um sistema de comunicação que reflete, pela vestimenta, uma determinada estrutura de relações econômicas, sociais e subjetivas. No interior desse sistema comunicacional, a roupa se configura como a “materialidade da comunicação e [...] deve ser entendida em seu conteúdo estético, plástico e emocional, bem como histórico e cultural; mais palpável e perceptível pela sua materialidade do que propriamente moda” (Ribeiro, 2002, p. 336). Essa dimensão comunicativa é igualmente apreciada por Godart (2010, p. 24), ao discutir a expressão de sinais identitários por intermédio de objetos e práticas, em particular, o vestuário:

Os indivíduos assinalam suas diversas inclusões sociais por meio de sinais identitários, dos quais as vestimentas constituem um elemento central, mas não o único, visto que as práticas culinárias, turísticas ou mesmo linguísticas também são identitários.

[...] A moda, portanto, nutre-se desses sinais identitários, pois é a partir deles que se desenvolvem seus fenômenos fundamentais de imitação e diferenciação.

Sob esta ótica mais social, a análise da vestimenta contribui para a compreensão da cadeia de produção e das questões sociais vinculadas à narrativa apresentada pelos materiais que constituem as roupas. A presença de registros nas tramas de um artefato têxtil permite identificar “quem as fabricou e em quais circunstâncias, da mesma maneira que revela como cada civilização se orientou a partir da maneira como se relacionou com os objetos de seu tempo” (Araújo *et al.*, 2018, p. 116). Embora evidenciem esse cenário investigativo, esses últimos autores (2018, p. 105) sustentam que a vestimenta nem sempre foi considerada uma fonte de estudo nas áreas das Ciências Sociais, além de que, frequentemente, as pesquisas destacam sua dimensão mercadológica, obliterando seu valor informativo, documental e artístico:



Os estudos recentes do vestuário e da moda como fontes para os estudos históricos repercutem na ausência desses artefatos não somente nos arquivos, como nos museus e na própria academia e velam seus sentidos complementares que permitem apreender acerca de questões sociais, econômicas, religiosas e políticas.

A partir da constatação dessa diversidade de conceitos relacionados às vestimentas, enfatizamos a problemática da ORC desse universo. Ademais dos aspectos físicos das indumentárias, é fundamental contextualizar esse objeto em uma esfera cultural mais abrangente e identificar e sistematizar a terminologia que permeia esse domínio em consonância com a realidade local do fenômeno estudado. Ao perquirir a literatura concernente à organização e/ou representação dos objetos que conformam o domínio da indumentária, observamos que preponderam estudos com abordagens mais técnicas e empíricas, sob lentes arquivísticas (Araújo *et al.*, 2018), museológicas (Bragança & Faulhaber, 2018) ou biblioteconômicas (Palhares *et al.*, 2019), ou, por vezes, uma confluência entre estas áreas. Entendemos que, em cenários de acervos acumulados e/ou em processos iniciais de tratamento, faz-se necessário dirigir as discussões para questões mais técnicas para se atender a uma demanda específica de identificação e organização. Ainda que consideremos a relevância da representação informacional desses objetos, percebemos que há poucos estudos que se dirigem à problematização dos posicionamentos epistêmicos adotados para constituir as representações das indumentárias – além disso, é indispensável refletir sobre essas epistemes, para se evitar incorrer em interpretações enviesadas e, quiçá, preconceituosas.

No que diz respeito ao reconhecimento e inclusão de narrativas diversas, destacamos os estudos de Farwell (2021) que, ao examinar o procedimento de aquisição de coleções no âmbito têxtil, pondera sobre a formação de acervos mais inclusivos, propondo também uma expansão do escopo de análise crítica das peças integrantes desses acervos. A autora defende a revisão de nossas práticas no tratamento desse material, visando incorporar vozes historicamente (e frequentemente) negligenciadas. Perscrutar em minúcia as questões teóricas e epistemológicas que permeiam a representação do campo da indumentária, especialmente na constituição de terminologias associadas a esse universo, parece-nos essencial. A partir deste raciocínio, buscamos, na próxima seção, apresentar aproximações entre as proposituras de Natalia Duque-Cardona e Marcel Diki-Kidiri enquanto percursos outros para deslindar as tramas do domínio da indumentária.

Convergências entre a interculturalidade e a terminologia cultural

De modo a estabelecer conexões entre a Interculturalidade na CI e a Terminologia Cultural, conceituamos Análise de Domínio e discutimos brevemente a abordagem terminológica proposta por Birger Hjørland (2002), de modo a situar nossas reflexões no âmbito da organização do conhecimento. À vista disso, podemos compreender a Análise de Domínio como um “conjunto



de princípios metaepistemológicos e estratégias procedimentais, a partir da premissa do caráter social das atividades e práticas de informação” (González de Gómez, 2013, p. 32), com o intento de colaborar para a constituição de um conhecimento consistente e confiável (e, acrescemos, devidamente situado). Para efetuar o estudo de um domínio particular – como o da indumentária – Hjørland (2002) propõe onze abordagens que podem ser combinadas de modos variados, de modo a atender à especificidade da realidade em questão. Para os propósitos deste artigo, focamo-nos na abordagem “Estudos terminológicos, linguagens de especialidade, bases de dados semânticos e análise do discurso”.

Conforme Hjørland (2002), no contexto da CI, desenvolveram-se diversos estudos que incidem nas problemáticas atinentes à representação e recuperação da informação, abarcando temáticas, como vocabulários controlados, indexação, constituição de terminologias de domínios específicos, entre outras. É preciso ressaltar que, ao descrever as onze abordagens para a análise de domínio, Hjørland (2002) pontua os aspectos relativos às intencionalidades que subjazem à construção do conhecimento – a não neutralidade da ciência, remetendo-nos, pois, às bases epistêmicas que alicerçam o nosso pensar/fazer na seara dos estudos terminológicos, sobretudo quando miramos domínios que se aproximam das Ciências Sociais, conforme explicita o mesmo autor, posto que apresentam especificidades que dificilmente são compreendidas por vertentes que preveem uma excessiva univocidade e padronização no trabalho terminográfico. Encontramo-nos diante da problemática de dirimir obliterações de determinados pontos de vista em detrimento de outros, de favorecer a inclusão de nuances de significações que envolvem o(s) termo(s) e suas relações de um determinado domínio em equilíbrio com certa estruturação que possibilite a recuperação informacional. É nesse contexto que Hjørland (2002, p. 446) traz à baila as comunidades discursivas ou epistêmicas, que “são sempre influenciadas por diversas normas e tendências epistemológicas, que também influenciam a construção social de sistemas simbólicos, mídias, saberes, significados e distâncias semânticas”. Depreendemos, pois, que pensar as representações terminológicas requer ponderar os posicionamentos epistêmicos que fundamentam o fazer/pensar do pesquisador e das comunidades sociais investigadas. Seguindo este raciocínio, inferimos que a proposta de Duque-Cardona (2020) da Interculturalidade na CI converge neste sentido.

Natalia Duque-Cardona, docente da Escuela Interamericana de Bibliotecología da Universidade de Antioquia, na Colômbia, no transcurso de sua trajetória acadêmica e pessoal, tem desenvolvido pesquisas que incidem no (re)pensar dos fundamentos epistêmicos que sustentam a CI e a Biblioteconomia no âmbito da América Latina. Segundo a autora, estas áreas do conhecimento se configuram como ciências modernas “cujas epistemes se situam em centros de produção de conhecimento hegemônicos, como o anglo-saxão e o europeu” (Duque-Cardona, 2020, p. 27, tradução nossa). Em seu raciocínio, reconhece que, embora estes centros de poder tenham sido essenciais para o amadurecimento dos alicerces de ambos os campos científicos, torna-se cada vez mais cogente prover tensões nas dinâmicas de produção de conhecimento de



modo a (re)configurar as disciplinas científicas a partir de epistemologias próprias, em consonância com o contexto específico da América Latina.

Desta feita, mediante a análise das bases e funções sociais que envolvem a produção de conhecimento científico, em particular da CI, Duque-Cardona (2020) revisita os paradigmas propostos por Capurro (2003) – físico, cognitivo e social –, a fim de delinear uma nova proposta – um paradigma intercultural para a CI. Partindo do contexto latino-americano e caribenho, a autora questiona: CI para quê e para quem? Tais questionamentos se configuram como o fio condutor para recuperar os antecedentes teóricos da CI, em busca de uma ciência em consonância com a realidade situada. Ao tensionar os embasamentos teóricos da CI, em sua maioria de caráter empírico e/ou positivista, Duque-Cardona (2020) busca, portanto, respostas que possam contribuir para o desenvolvimento de trabalhos posteriores, sob o enfoque intercultural, mirando uma sociedade mais justa e digna para todos os sujeitos. É neste sentido, por exemplo, que a estudiosa propõe uma pesquisa-ação Bibliotecas desde Abya-Ayla (denominação do território hoje demarcado como América Latina na língua do povo cuna), que implica abarcar outras formas de saberes da localidade em questão, como a cultural oral. Diante destas reflexões, entendemos ser primordial considerar o aspecto cultural (e toda a diversidade que o conforma), ao se pensar em embasamentos teóricos devidamente contextualizados com a realidade local. É justamente a cultura o cerne da proposta de Diki-Kidiri (2009) para a composição de terminologias.

Marcel Diki-Kidiri é um linguista da República Centro-Africana, especialista na língua nativa de seu país – o sängö. Entusiasta das línguas africanas, Diki-Kidiri as abraça enquanto objetos de estudo, dirigindo esforços para o exame, promoção e desenvolvimento dessas línguas. No âmbito dessas inquirições acerca da compreensão das línguas africanas, no que diz respeito a torná-las aptas a expressar as realidades de África e do mundo contemporâneo como um todo, Diki-Kidiri (2009) arquiteta sua proposta terminológica. Consoante o autor, estudar o desenvolvimento dessas línguas requer um novo método investigativo baseado no enfoque cultural da terminologia, o que implica, em linhas gerais, redimensionar alguns aspectos das abordagens clássicas da terminologia, como a Teoria Geral da Terminologia (TGT). Salientemos que, ao realçar a diversidade cultural como aspecto fundamental para a investigação terminológica, Diki-Kidiri (2009) se distancia um pouco da problemática da univocidade, exatidão, normalização dos termos de modo rígido, preconizado pela TGT de Eugen Wüster.

Desta feita, para Diki-Kidiri (2009), a comunidade cultural se configura como o ponto fulcral de sua proposta, uma vez que são as visões de mundo dessa comunidade em particular que determinam as “regras do jogo” para classificar, ordenar, nomear e categorizar tudo aquilo que se percebe, concebe-se, reflete-se, incluindo a identidade do próprio grupo social e dos sujeitos que o conformam. Diki-Kidiri (2009) reforça que, no interior dessa comunidade, flui um movimento dialético permanente entre a herança cultural e os novos conhecimentos construídos. Imersa nesse movimento, a terminologia se configura em uma disciplina que abarca dois objetivos principais: a construção de saber e a apropriação desse saber por uma cultura



específica. Sob este ângulo, o autor concebe uma perspectiva terminológica mais interdisciplinar e mais geral enquanto ciência da linguagem, sustentando que a terminologia deveria abarcar, além das dimensões linguísticas e técnicas, as dimensões socioculturais, históricas, fenomenológicas e psicológicas, com base em seus fundamentos teóricos e em seus métodos.

Este entrelaçamento entre terminologia e cultura, idealizada por Diki-Kidiri (2009), passa a ser denominada Abordagem Cultural da Terminologia ou – simplesmente – Terminologia Cultural. Nesta perspectiva ora discutida, evidenciar e preservar a diversidade cultural dos diferentes povos são processos essenciais, perfazendo-se como elementos basilares da vertente que enxerga “a pessoa humana, a comunidade, a historicidade, a cultura, a memória, a reconceptualização e a variação”, com o intento de abranger os “significados culturais manifestos nas terminologias” (Pereira, 2018, p. 29). Deprendemos que a cultura se torna o ponto central de qualquer processo linguístico e terminológico, incluindo também a produção de conhecimento e a compreensão de novas realidades (Fathi, 2017). Assim sendo, ao discorrer sobre as possibilidades de expressão de uma língua, Ribeiro (2020) ratifica que, para Diki-Kidiri, qualquer língua se encontra apta a se expressar cientificamente:

Seja um objeto concreto, visível e palpável como um pictograma fitossanitário ou um objeto abstrato como um campo nocional, observamos uma diversidade na percepção que os homens têm dele. Essa diversidade [...] é explicada pela diversidade de culturas; o que, por sua vez, é explicado pelo caráter singular da jornada histórica de cada homem como indivíduo e de cada comunidade humana através do espaço e do tempo. Tomar consciência dessa diversidade é o primeiro passo de uma abordagem que leva ao desenvolvimento de uma metodologia de gerenciamento de terminologia mais adequada ao enorme desafio representado pelo desenvolvimento das línguas africanas e, se possível, de todos os outros idiomas que enfrentam desafios semelhantes em todo o mundo (Diki-Kidiri, 1999, p. 66 citado por Ribeiro, 2020, p. 87-88).

Ao considerar que o desenvolvimento das ciências – e do campo terminológico – ocorreu sobretudo em solo europeu e norte americano, a abordagem cultural pode favorecer a inserção dos países de língua africana na esfera científica, posto que tal abordagem busca englobar as nuances culturais dos países que irão acolher terminologias provenientes de outras realidades, de modo a sugerir termos representativos, de fato, nas línguas não majoritárias (Ribeiro, 2020). A partir do exposto, constatamos que Duque-Cardona (2020) e Diki-Kidiri (2009) analisam criticamente as bases notadamente eurocêntricas e/ou anglo-saxãs das ciências e defendem a relevância do conhecimento situado, de reconhecer e congregar os saberes locais e os aspectos culturais que envolvem o entorno a ser estudado.

Considerando o âmbito de atuação e funções sociais da CI, no contexto latino-americano, Duque-Cardona (2020) problematiza os limites e relações disciplinares dessa Ciência



em uma sociedade caracterizada pela pluralidade e diversidade. Para a autora, no contexto do sul, a informação sobre o *locus* é essencial, posto que perfaz o patrimônio cultural imaterial dos povos. A ideia é aproximar a CI das necessidades culturais, políticas e educativas do território. Partindo do pressuposto de que a maioria dos desenvolvimentos teóricos da CI na América Latina não estabelece uma dialogia com a diversidade cultural e informacional do continente, a autora questiona como se dá a relação entre a CI e a sociedade, e de que modo a primeira favorece o entendimento de realidades situadas na última quanto à produção, uso e acesso à informação.

Diki-Kidiri (2009) converge nessa direção ao propor um duplo objetivo (teórico e metodológico) para a abordagem cultural da terminologia, qual seja:

- a) Colaborar para o desenvolvimento de uma teoria terminológica que contemple a diversidade cultural, preservando as necessidades identitárias das diversas comunidades humanas. Esta teoria, denominada “terminologia cultural”, aproxima-se, conforme o autor, da socioterminologia de François Gaudin, da corrente sociocognitiva de Rita Temmermann, além de outros enfoques como o de Maria Teresa Cabré, que enfatiza a dupla função representacional e comunicativa da terminologia.
- b) Elaborar uma metodologia em consonância com o desenvolvimento, produção e implementação de terminologias para a promoção (e preservação) efetiva das línguas e culturas diversas.

Quanto ao objetivo metodológico, é preciso situar o conhecimento produzido por Diki-Kidiri no espaço cultural e geográfico específico, para promover a visibilidade das línguas africanas. Sob outro ponto de vista, Arcos, Bevilacqua e Loguercio (2023, p. 9) pontuam que essa abordagem de ordem teórica-metodológica pode ser transportada “a outras línguas, ou, ainda melhor, a outras linguagens, sobretudo àquelas pertencentes a um grupo cultural específico”. A Terminologia Cultural, desta feita, possibilita à comunidade ou ao grupo em tela encontrar a palavra mais apropriada para exprimir cada novo conceito, perscrutando seus recursos linguísticos dentro de sua própria cultura e em conformidade com sua percepção da realidade (Pandim, 2014). Mirando estes objetivos, recordemos que Diki-Kidiri (2009, p. 2, tradução nossa) posiciona a cultura enquanto o cerne de sua abordagem, destacando que há “por um lado, uma diversidade de culturas tanto no espaço quanto no tempo e, por outro lado, há uma densidade de cultura que permite as diversas experiências e saberes diversos se sedimentarem nos arquivos da memória coletiva”. Segundo o autor, esta sedimentação nos arquivos representam as referências simbólicas comuns partilhadas entre os membros de uma mesma comunidade cultural em seus processos comunicativos. Trata-se do eixo comum (palavras, gestos, comportamentos, situações) do qual emergem as referências que favorecem os atos comunicativos de uma comunidade. Assim sendo, percebemos a importância do contexto no trabalho terminológico, quer dizer, como se processa a cumulatividade dos conhecimentos e práticas construídas e compartilhadas socialmente. Pimenta (2019, p. 73) elucida que, para Diki-



Kidiri, o termo advém das linguagens culturalmente integradas, e seu funcionamento decorre das representações constituídas no decorrer da evolução histórica da cultura:

Assim, os termos se constituem não por uma propriedade que lhes é intrínseca, mas mediante os interesses e necessidades de uma comunidade linguística que definem e redefinem os seus significados a um conhecimento especializado. Isto implica dizer que o estatuto das unidades lexicais é definido em um contexto cultural e não pelo pensamento universalizante especializado, ou seja, os vocábulos só assumem valor de termo no seio de uma cultura específica.

A respeito dessa ênfase no aspecto cultural, Arcos, Bevilacqua e Loguercio (2023, p. 10-11) asseveram que, embora os procedimentos metodológicos para identificação e organização dos termos não se configurem como um novo paradigma no trabalho terminográfico, o diferencial da abordagem proposta por Diki-Kidiri reside justamente na “valorização do aspecto cultural, a partir do qual se assume a produção e a existência de linguagem especializada (na forma de termos e/ou fraseologias) nas narrativas que carregam os saberes de um grupo cultural específico em um espaço temporal e geográfico determinado”. Assim sendo, sob as lentes da Terminologia Cultural, a visão de mundo, as experiências, os saberes construídos no seio de uma comunidade, os conhecimentos ancestrais, as tradições, entre outros elementos, são os “combustíveis” para constituição dos conceitos e termos. Tais reflexões, em nosso entendimento, coadunam-se com a perspectiva da Interculturalidade na CI, sobretudo quanto ao reconhecimento, valorização e inclusão das vozes e saberes que compõem a realidade em tela. Situar o conhecimento é notadamente primordial para ambas as propostas. Lembremo-nos de que Duque-Cardona (2020, p. 68, tradução nossa) argumenta em favor de adaptar perspectivas teóricas de outras disciplinas para a compreensão da CI em relação com os fenômenos sociais e culturais que geram as informações. Desse modo, o que se intenta é “buscar[-se] um trabalho permanente de empoderamento no qual a informação esteja a serviço dos sujeitos e possibilite alternativas para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária”. Tais reflexões são imprescindíveis para o campo específico da organização do conhecimento – em particular, para a representação terminológica do domínio da indumentária. Diante das dimensões históricas, sociais, culturais, artísticas que revestem os artefatos têxteis, necessário se faz “abraçar” quadros analíticos (inter)culturais que suscitem a compreensão aprofundada do domínio a ser estudado, contextualizando as representações terminológicas em consonância com os saberes e anseios locais.

Considerações finais

A partir das reflexões tecidas, distinguimos que tanto a perspectiva intercultural na CI quanto a abordagem cultural da terminologia evidenciam a importância de se questionarem e se (re)considerarem as posturas epistêmicas adotadas na construção de novos saberes científicos.



Realizar esse reposicionamento crítico envolve, entre outros aspectos, ponderar sobre as necessidades e competências informacionais (e representacionais) de grupos historicamente subalternizados, além de abarcar a diversidade linguística e cultural das distintas comunidades discursivas.

Defendemos, portanto, que a dialogia (inter)cultural ou a convergência entre Duque-Cardona e Diki-Kidiri favorece o aprofundamento das discussões teóricas e epistêmicas que incidam em uma empiria que assegure a expressividade, a dinâmica e a inclusão das narrativas que tecem a terminologia do domínio da indumentária.

Referências

- Araújo, F. C. M., Dias, F. C. & Abreu, J. P. L. (2018). Nas tramas do tecido: perspectivas de tratamento para arquivos de moda a partir da experiência com a marca Osklen. *Páginas A&B, Arquivos e Bibliotecas*, (10), 104-119. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/paginasueb/article/view/4570> [Consulta:15/06/2022]
- Arcos, M., Bevilacqua, C. & Loguercio, S. D. (2023). Reconhecendo os termos dos saberes das parteiras tradicionais brasileiras: reflexões iniciais para uma abordagem cultural da terminologia. *Revista GTLex*, 8(1), 1-27. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/69127> [Consulta: 20/06/2023]
- Barros, T. H. B. & Tognoli, N. B. (2019). *Organização do conhecimento responsável: promovendo sociedades democráticas e inclusivas*. Belém: Ed. da UFPA.
- Bragança, F. O. N. & Barbosa, P. F. (2018). Etiqueta-documento: o acervo de indumentária do museu casa da hera. In *Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação*. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/348568259_ETIQUETA-DOCUMENTO_O_ACERVO_DE_INDUMENTARIA_DO_MUSEU_CASA_DA_HERA [Consulta:15/06/2022]
- Capurro, R. (2003). Epistemologia e Ciência da Informação. In *Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2003*, Belo Horizonte. *Anais...* (pp. 1-21). Belo Horizonte: ENANCIB. Disponível em: https://www.capurro.de/enancib_p.htm [Consulta:10/03/2022]
- Diki-Kidiri, M. (2009, agosto). Un enfoque cultural de la terminologia. *Debate Terminológico*, (5). Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/riterm/article/view/23955> [Consulta: 10/04/2023]
- Duque-Cardona, N. (2020). ¿Ciencia de la Información para qué y para quién? Aproximación a los paradigmas de la Ciencia de la Información en el contexto universitario. In N. Duque-Cardona & F. C. G. Silva (Orgs.), *Epistemologías latino-americanas na biblioteconomía e ciência da informação: contribuições da Colômbia e do Brasil* (pp. 45-71). Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora. Disponível em: https://3b2d7e5d-8b9a-4847-aa3e-40931d588fb7.filesusr.com/ugd/c3c80a_ad9118af99b647f982983508c8093589.pdf [Consulta:15/12/2023]



Farwell, M. (2021, Verão). Reweaving the textile industry archive: strategies for building inclusive collections on the legacy of the american textile history museum. *Library Trends*, 70 (1), 12-29. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/pub/1/article/823093/pdf> [Consulta:15/06/2022]

Fathi, Besharat. (2017). *Terminology planning evaluation: the case of persian language*. (Tesis de Doctorado). Barcelona: Universitat Pompeu Fabra.

Godart, F. (2010). *Sociologia da moda*. São Paulo: Senac.

González de Gómez, M. N. (2013). O domínio das informações em Saúde. In V. B. Pinto & H. de H. Campos (Orgs.), *Diálogos paradigmáticos sobre informação para a área de Saúde* (pp. 29-64). Fortaleza: Edições UFC.

Hjørland, B. (2002). Domain analysis in information science: eleven approaches - traditional as well as innovative. *Journal of Documentation - J DOC*, 58(4), 422-462. Disponível em: https://www.isko.org/cyclo/domain_analysis [Consulta:15/12/2023]

Lima, G. dos S. & Almeida, C. C. de. (2019). Perspectiva pós-colonial e decolonial no campo da Organização do Conhecimento: reflexões para a construção de SOCs multiculturais. In T. H. B Barros & N. B. Tognoli (Orgs.), *Organização do conhecimento responsável: promovendo sociedades democráticas e inclusivas* (pp. 524-530). Belém: Ed. da UFPA.

Palhares, M. C.; Silva, A. de B. & Oliveira, F. M. de. (2019, setembro-dezembro). Proposta de catalogação para acervo de indumentárias do Museu da Imigração de São Paulo. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, 15(3), 94-123. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1283> [Consulta:15/06/2022]

Pandim, G. F. (2014). *Estudo sobre os aspectos culturais da terminologia dos contratos de prestação de serviços em língua portuguesa e língua francesa* (Tese de Doutorado). São José do Rio Preto: Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas e Paris: Université Sorbonne Nouvelle Paris 3.

Pereira, A. H. (2018). *Terminologia do direito do consumidor: análise das motivações da variação terminológica* (Dissertação de Mestrado). Araraquara: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras.

Pimenta, A. P. C. (2019). *Representações do léxico sertanista em corpus da literatura regionalista brasileira: protótipo de vocabulário etnoterminológico online* (Tese de Doutorado). Uberlândia: Universidade de Uberlândia.

Ribeiro, H. (2002). Moda e museu: uma relação longe do lugar e fora do tempo? In Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Anais do Museu Histórico Nacional*: Volume 34

Ribeiro, P. T. (2020). *Análise da variação terminológica entre o português europeu e o português brasileiro: o caso dos produtos para saúde*. (Tese de Doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.